

## Clínica e transferência na sombra do discurso: uma analítica da subjetividade

Marlene Guirado\*

Universidade de São Paulo (USP), Instituto de Psicologia. São Paulo, SP, Brasil

**Resumo:** O presente artigo visa a demonstrar a centralidade do conceito de transferência para a clínica da psicanálise, por razões teóricas e éticas. Teóricas: sendo a transferência, nas palavras de Freud e, segundo psicanalistas em pesquisas recentes, a condição de análise, o paciente é concebido pelo analista como aquele que tem determinado funcionamento inconsciente, modos de resistência e elaboração, conflitos e repressões, e assim por diante, dependendo da psicanálise professada. Éticas: apesar de ter sido formulado no início dos estudos e atendimentos clínicos com casos de histeria, o conceito ganhou contornos definidos na década de 1910, no contexto de textos de recomendações à conduta dos médicos em seu trabalho. Tal análise sobre a clínica psicanalítica nos foi facultada pela instrumentação da Análise Pragmática do Discurso, de Maingueneau (discurso como ato de fala, cenografia e gênero discursivo), como parte de uma estratégia metodológica geral, a Análise Institucional do Discurso.

**Palavras-chave:** clínica psicanalítica, transferência, discurso, análise do discurso.

### Das apresentações gerais e dos matriciamentos conceituais

Com o mesmo tema e com um título aproximado, um livro inaugurou uma vertente de discussões sobre a clínica da psicanálise: *A clínica psicanalítica na sombra do discurso* (Guirado, 2000). Essas discussões fizeram e fazem cada vez mais sentido na e pela Análise institucional do discurso, estratégia de pensamento que instrumenta as pesquisas e as intervenções concretas, que venho produzindo em estudos próprios, naqueles que oriento, em grupos de trabalho e em publicações (Guirado, 2013; Lima, 2007; Ungaretti, 2013; Veiga, 2006; Viaro, 2011).

Confiando que o leitor possa, caso assim o desejar, melhor informar-se sobre esse método (AID) nos textos aqui recomendados, faço, neste momento, apenas uma apresentação geral de suas bases conceituais.

A Análise institucional do discurso pode-se dizer hoje é uma estratégia de pensamento, ocasião de fazer da Psicologia uma analítica da subjetividade, onde quer que se a exerça. Isto, no plano conceitual, é facultado pela aproximação da Psicologia à Psicanálise de Freud, e pela interface com outras áreas do conhecimento, a saber: a Sociologia da análise de instituições concretas de Guilhon Albuquerque, a Linguística pragmática da análise do discurso de Dominique Maingueneau e o pensamento de Michel Foucault a que estas duas últimas se relacionam, de alguma forma. Da Sociologia de Albuquerque, tomamos o conceito de instituições como práticas ou relações sociais que se repetem e se legitimam, na ação mesma de seus atores; são seus efeitos de reconhecimento e desconhecimento no plano das representações que dão o carácter de legitimidade, de

naturalidade, ao que é instituído. Da Análise do discurso francesa, os conceitos de gênero de discurso, comunidade discursiva e cena enunciativa permitem pensar a linguagem como discurso e, este, como ato de fala cujo sentido só se pode apreender pelo contexto em que se produz, pelo dispositivo social que o matricia conforme preconiza Maingueneau. De Foucault, a concepção de discurso como ato, como instituição, que circula e que é, ao mesmo tempo, alvo de relações de poder; coloca-se como a maquinaria de produção de saber, de verdades e de subjetividades. É assim que a análise institucional de discurso que aqui propomos é uma estratégia de pensamento, um método, que, ao se sustentar na fronteira desses saberes, opera com um campo conceitual mínimo (instituição, discurso, análise e sujeito/subjetividade), não do interior da ordem do discurso psicanalítico. Exatamente por isso, de ponto de partida, tomamos a Psicologia (e a Psicanálise) como instituição do conhecimento e da prática profissional, que, na ação de seus atores, onde quer que se dê, reconhece certos procedimentos e conhecimentos não como relativos ao seu modo de produção, mas como naturais e legítimos; nisso, definem-se um âmbito de ação e um objeto como próprios (Guirado, 2010).

Retomemos, agora, na trama dos conceitos apontados anteriormente, a questão-alvo do presente texto.

Por várias razões, sabemos que pode soar estranho tratar a clínica como análise de discurso. Mais ainda, como instituição, conforme acabamos de afirmar por decorrência de um recorte conceitual e metodológico. Se, como áreas do conhecimento, normalmente, há resistências a considerar Psicologia e Psicanálise como saberes instituídos por jogos de verdade, por disciplinas e regramentos da produção das teorias<sup>1</sup>, com mais razão, resiste-se a considerar

1 Veja-se como entende M. Foucault, sobretudo em *A ordem do discurso* (Foucault, 1971/1996), a questão das disciplinas do conhecimento e de seus procedimentos. Os saberes, para se considerarem verdadeiros (ou

\* Autora correspondente: [mguirado@terra.com.br](mailto:mguirado@terra.com.br)

o exercício da clínica como um dispositivo discursivo (no dizer de Foucault<sup>2</sup>), ou uma instituição (como nos propomos pensá-la<sup>3</sup>).

A clínica, aliás, preserva-se, significativamente ainda hoje, como o território-rei das práticas psicológicas e psicanalíticas, no imaginário social e, por implicação, nas expectativas de estudantes, profissionais e clientela de nossos serviços. E, predominantemente, na concepção dos profissionais que a fazem, na qualidade de psicanalistas, mantem-se protegida das supostas miscigenações com um saber que eles considerem racional, objetivo e que viesse lhe roubar o tom de magia dos processos que circundam um inconsciente também supostamente decifrável apenas pelas chaves de interpretação da própria Psicanálise.

Na contracorrente dessas concepções, no livro *A clínica psicanalítica na sombra do discurso* (Guirado, 2000), buscamos desenhar de um modo muito particular o exercício da clínica. Trabalhando apenas na fronteira com a Análise do discurso francesa de Dominique Maingueneau, ou seja, sem interlocuções pontuais com Foucault, por exemplo, foi possível fazer uma demonstração, suficientemente sustentável, da perspectiva característica que a AID confere a essa prática.

Considerando as operações conceituais e argumentativas exigidas para que o próprio desafio fosse colocado ao pensamento, talvez se possa afirmar que ali está a tese mais bem acabada sobre o tema, no interior da AID, no momento. É esse o motivo que nos leva a retomá-la, em pontos centrais, fazendo disso o alvo das discussões do presente texto<sup>4</sup>.

## O desenho de uma ideia

falsos), devem se produzir por um conjunto de regras que lhes garantem que estejam num campo de verdade. Fora dele o que se produz é teratologia do saber. Em *Ditos e escritos V* (Foucault, 2004), trabalha como jogos de verdade o fato de um conhecimento que se reconhece legitimamente verdadeiro desconhece sua origem no modo como foi produzido. Esta formulação foucaultiana, inclusive, nos permite pensar que não é qualquer privilégio da Psicologia ou da Psicanálise, essa espécie de equívoco a respeito da verdade de suas teorias.

2 Foucault, 1985, 1977, 1973/2011.

3 Guirado, 1995/2006; Guirado & Lerner, 2007.

4 Antes, porém, um alerta deve ser feito, para uma indistinção terminológica proposital em nosso texto. O ensino no curso de formação de psicólogos bem como a supervisão do atendimento feito por colegas têm mostrado uma recente marca nos discursos dos profissionais da área. Uma espécie de dicotomia parece se instituir: de um lado, há os que se autoneoiam analistas (mormente, os que têm orientação lacaniana e/ou formação depois da graduação por institutos e cursos diversos de Psicanálise); seus clientes, invariavelmente, em seu dizer, os procuram para fazer análise; e os colegas de outras orientações são terapeutas, apenas. De outro lado, há os que ao dizer que fazem psicoterapia com seus pacientes, sentem o desconforto de um lugar menos nobre; ou, simplesmente, afirmam este como o fazer que o curso de Psicologia faculta aos seus egressos e, com isso, naturaliza uma divisão psicanalista/psicólogo, desconhecendo o caráter institucional dessas nomeações.

No âmbito de nossa escritura, e pelo recorte que nossa estratégia de pensamento impõe, desprezaremos tais dicotomias e, com liberdade, nos moveremos entre os termos terapia, análise e psicanálise, conforme o contexto da escritura, deixando o leitor ciente, quando e se as diferenças se fizerem necessárias.

A ideia é que a clínica é um dispositivo institucional, uma prática discursiva, cuja cena originária nos apresenta um médico analista e seu paciente neurótico, em necessária transferência para que se realize a mágica da reedição de outras cenas, aquelas de sua própria história de vínculos, de sua recordação para a elaboração dos sentidos e sentimentos que foram banidos da vida consciente.

Em verdade, todos os termos do parágrafo anterior têm seu sentido suspenso pelo fato de constituírem o “texto interno” que anima o pensamento do analista-médico da cena originária, Freud, nos momentos de invenção da psicanálise. Deveriam estar entre aspas, portanto. No entanto, pesquisas bastante recentes (Lima, 2007; Veiga, 2006; Viaro, 2011), que se dedicaram a analisar os discursos de psicanalistas sobre seu fazer cotidiano, surpreenderam/mostraram que, mais de um século depois, certas marcas de um saber/fazer reeditam-se. Com variações, claro! Mas nada que substancialmente nos impeça de reconhecer a cena de um analista e seu paciente em necessária transferência para que. . . tal e tal e tal.

Estudos como esses são um forte apoio à hipótese que temos apresentado, por recorte metodológico (a AID), de que a clínica é um dispositivo-ato-discurso que coloca dois parceiros/personagens em posições desiguais, a exercerem lugares com expectativas diferentes, um em relação ao outro, com atribuições cruzadas de ações previstas, reconhecidas como legítimas: o paciente/cliente demanda e o analista analisa. Lugares, expectativas, desigualdades e diferenças constitutivas das psicoterapias, das psicanálises.

Ao exercerem-se em seus procedimentos e ritos básicos, por sua vez, reeditam textos e contextos do discurso e da cena primeira. Sempre alterando, conforme esta ou aquela situação que, no movimento da tensão, resiste. O fato é que é assim que a clínica traça seu desenho à sombra do discurso: desde a primitiva até a atual, a cena ou a cenografia clínica é aquela cujo escopo é o que o discurso lhe confere. De dentro e de fora da comunidade de seus pares.

Por decorrência de assim pensar, deveria ser esse o discurso a se considerar em análise. Esse, o discurso que nós, analistas, deveríamos ter como alvo de nossas análises. Ou seja, pelo raciocínio que desenvolvemos até aqui, dele faz parte o analista e suas falas, prenhes de supostos teóricos, de aprendizagens e saberes da própria psicanálise.

A questão dos *pressupostos* assume, então, lugar de destaque na discussão. E é nesse movimento que nos colocamos num diálogo produtivo com as ideias, conceitos e procedimentos de análise de Maingueneau. Aprendemos com ele que os pressupostos *tecem a não transparência*, marca inapelável *de todo discurso*: uma fala que supostamente diz uma verdade, em verdade, organiza pressupostos que não se apresentam como tal. A polifonia e a polissemia do enunciado compõem, *na base da enunciação*, o equívoco não apenas do dizer do paciente, mas também o da escuta do analista, constituída que está desses supostos da teoria, da compreensão que *um determinado saber, fora daquela relação concreta, instrui a ouvir*.

## Textos e contextos que marcam o conceito de transferência

Em *A clínica psicanalítica na sombra do discurso* (Guirado, 2000), pudemos mostrar como há um reiterado desconhecimento desse saber que, concretamente, investe a escuta e a palavra do analista. E o fizemos, pontualmente, por meio do conceito de transferência.

Central na teoria, esse termo recebeu, de Freud, um tratamento relacionado a outros, como o de resistência, repetição, recordação e elaboração (Freud, 1913/1976), e tal feito se deu enquanto ele buscava apresentar as exigências éticas e os regramentos da conduta daqueles que o seguiam, para que pudessem dizer que era psicanálise o que faziam. Da década de 1910 todos os textos que abordavam esses assuntos nomearam-se como *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912). Dois, especificamente, embora não se apresentassem como recomendações, por expresse, trazem no próprio título a palavra transferência e denunciam reiteradas normatizações à ação do analista. São eles: *Dinâmica da transferência* (1912/1976) e *Observações sobre o amor de transferência* (1915/1976).

É interessante apontar, aqui, que a *transferência é o conceito* que, nesse momento, enlaça as exigências para que se considere a psicanálise como um modo de agir sobre o inconsciente; exigências essas que se balizem por *técnicas disciplinadoras da conduta ética do profissional*.

A preocupação com o tema, no entanto, não nasce aí. Foi o movimento da atenção clínica aos processos psíquicos inconscientes do paciente que levou ao posicionamento desse termo como uma das mais importantes caracterizações do método psicanalítico de análise. Ou seja, os atendimentos provocam o pensamento e a produção de teorias como explicação de o que se passa nos interiores, numa subjetividade “do dentro”, que só dessa maneira poderia ser compreendida. As primeiras referências ao termo surgem já nas cartas ao amigo Fliess, mas, firma-se, no plano do delineamento mais diretamente teórico, em *Fragmentos de um caso de histeria – caso Dora* (1905/1976).

De qualquer forma, é a clínica o *leitmotiv* do pensamento de Freud: (a) quer para a mais acabada definição, quando conclui que se tivesse dado conta da transferência que sua paciente fazia do Sr. K. e do pai para ele e a tivesse interpretado, ela não teria abandonado tão inesperada e precocemente o tratamento (fato que ele transparece lamentar em seus ditos); (b) quer, como afirmávamos há pouco, para marcar os riscos éticos que corre o psicanalista, caso se deixe envolver pelos apelos eróticos, que as atuações transferenciais apresentam na relação da paciente com seu médico-psicanalista (daí tanta preocupação em delimitar até onde o profissional poderia ceder às “tentações” de que sua própria teoria investia a intencionalidade inconsciente de sua paciente).

O que chama a atenção nessas duas possibilidades, entretanto, é que, ao tratar da transferência de modo mais explícito, Freud descreve a relação analista-paciente como

um jogo móvel e contínuo de tensão, em que um dos parceiros exerce um controle sobre o outro que, por sua vez e de seu lugar, com suas armas e com uma conduta até certo ponto esperada ou suposta (quando esse outro é o paciente, por exemplo), resiste.

É assim que, *desde a formulação do conceito*, na desigualdade dos lugares configurados na cena clínica, *o que se reconhece*, por legitimidade e naturalização características das tramas teóricas, *é a resistência do paciente*. O que *se desconhece é que este reconhecimento*, esta legitimidade da teoria, seu caráter indiscutível como modo de produção de um inconsciente e de sua análise (na tensão do jogo de forças da relação paciente-analista, sempre móvel), *é ocasião de transferência e de sua contrapartida, a resistência, agora à ação do paciente sobre a ação do analista* (no caso, contrária às expectativas geradas em seus pressupostos). É esse o jogo de reconhecimento/desconhecimento, que legitima e naturaliza o que se faz e o conhecimento que se produz, ou melhor, as verdades de onde partimos e aquelas a que chegamos, os objetos e sujeitos pressupostos pelas teorias. Pois bem, é esse o jogo que, pela estratégia geral da Análise institucional do discurso, podemos ter como nossa hipótese básica, como pura forma, modo de acionamento de um campo conceitual mínimo (instituição, discurso, análise, sujeito, na fronteira com outras áreas do conhecimento), que a análise dos discursos da psicanálise, sobretudo os de textos freudianos instrumentará. Mais especificamente, como se fez no livro *A clínica psicanalítica na sombra do discurso*, a Análise pragmática do discurso francesa estabelecerá as fronteiras conceituais para tratar da conceituação de discurso em análise, pelos termos *cena discursiva, contexto e gênero de discurso*.

Se, no parágrafo anterior, fizemos mais uma retomada das questões do modo de produção de nossas análises, é porque temos ciência da delicadeza da teia de reconhecimentos e desconhecimentos com que lidamos neste nosso ofício, o de analistas. Pedimos, portanto, ao leitor, paciência com as insistências em nome das tentativas de esclarecimento a respeito dos pontos de partida.

Agora, temos um passaporte mais seguro para os prometidos estudos dos textos criadores de Freud. Sem os quais nada do que arvoramos dizer, pensar e produzir teria sido possível.

## A transferência freudiana

Voltemos ao ponto em que deixamos o conceito de transferência sob a pena e as tintas de Freud, para que posamos demonstrar como se dá, com ele, a presentificação da metapsicologia na cena discursiva da clínica psicanalítica nossa de cada dia. Só a partir daí poderemos delinear nossa proposta de pensar a clínica como uma analítica da subjetividade. Não *apesar da transferência*; mas sim, *por e com* esse conceito, reconsiderado no âmbito da AID, exatamente onde se busca suspender as antecipações metapsicológicas para operar com o campo conceitual de interface com outras disciplinas.

Começamos pela definição de Transferência, em *Dora* (Freud, 1905/1976): “uma classe especial de estruturas mentais, em sua maior parte inconscientes, às quais podemos chamar de transferências” (p. 13):

O que são transferências? São novas edições ou fac-símiles dos impulsos e fantasias que são criados e se tornam conscientes durante o andamento da análise; possuem, entretanto, esta particularidade que é a característica de sua espécie: substituem uma figura anterior pela figura do médico. (p. 113)

Em *A dinâmica da transferência*, de 1912:

cada indivíduo, por meio da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas durante os primeiros anos, conseguiu um método específico próprio de conduzir-se na vida erótica – isto é, nas precondições para enamorar-se que estabelece, nos instintos que satisfaz e nos objetivos que determina para si mesmo no decurso daquela. . . como um clichê estereotípico (ou diversos deles), constantemente repetido – reimpresso – no decorrer da vida da pessoa, na medida em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos amorosos a ela acessíveis permitam. . . Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que vá ao encontro das ideias libidinais antecipadas. (p. 133-134)

A libido (inteiramente ou em parte) entrou num curso regressivo e reviveu as imagens infantis do indivíduo. (p. 136)

Reiteradamente, quando nos aproximamos de um complexo patogênico, a maior parte desse complexo capaz de transferência é empurrada em primeiro lugar para a consciência e defendida com a maior obstinação. (p. 138)

O que se pode destacar aqui? Em *A clínica psicanalítica na sombra do discurso* (Guirado, 2000), apontamos para o que nos parecia ser o sumo das definições:

1. Que a transferência é um conjunto de estruturas mentais;
2. Que são estruturas mentais que se repetem;
3. Que elas são impulsos e fantasias;
4. Que são um modo de condução da vida erótica;
5. Que se atualizam quando há circunstâncias externas favoráveis;
6. Que as circunstâncias externas favoráveis são aquelas que reapresentam objetos amorosos;
7. Que esses objetos amorosos atuais e circunstancialmente favoráveis prestam-se a

substituir uma figura anterior significativa para a pessoa;

8. Que tudo isto é inconsciente (p. 123).

Algum tempo mais tarde, Freud até estendeu a ideia de transferência para relações fora do *setting* clínico, mas manteve a mesma compreensão do mecanismo do fenômeno. A grande diferença é que, na condição de análise, a interpretação seria o fator de elaboração de conflitos e de alteração de pautas de conduta.

Se pareceu, ao leitor, um tanto deslocado ou gratuito, este último parágrafo, quero assegurar-lhe que se trata de um importante destaque facultado por nossa estratégia de análise institucional do discurso. No caso, basta apontar para isso, neste momento, antecipando o que se discutirá no Item 8 do presente texto, quando então se demonstrará a grande diferença que faz pensar a clínica como instituição e, nisso ou por isso, um outro modo de conceber transferência para uma analítica da subjetividade. Que se preserve esse destaque em alguma reserva de memória, portanto. Ele será de valia para o enlaçamento conceitual de tudo o que dissemos até aqui e ainda nos dispomos a dizer. Para a sustentação de nossa hipótese mais cara.

Está nos extratos dos textos que fundam a psicanálise, de qualquer maneira, o desenho do paciente que se põe em análise, à escuta do seu analista-intérprete. O paciente, ao dizer o que o levou a procurar o profissional, já se coloca e é colocado, à revelia da consciência de ambos, como esse sujeito talhado pelos pressupostos de uma teoria do inconsciente, da sexualidade, das pulsões investidas em objetos, das tramas fantasmáticas que se organizam em quadros que, uma vez reprimidos, voltam a pressionar, de dentro, um retorno quando situações externas favorecem. Portanto, são os pressupostos de uma metapsicologia que produzem o sujeito-paciente na escuta e na imaginação do analista. E este devolve razões e motivos para a conduta do paciente, como se fossem estranhas a ele (e, bem podem sê-lo!), ou melhor, inconscientes, numa interpretação da ou na transferência (Lima, 2007; Veiga, 2006; Viaro, 2011). Até porque, a transferência é, por suposição teórica, também, a condição de atualização, de repetição, na relação com o analista, dos conflitos primitivos que deram origem à sua neurose. . . A transferência, afinal, é a condição de a neurose se recriar nessa relação e a análise poder acontecer.

### **No discurso de origem, a tensão entre conceito e conduta**

A análise do discurso freudiano sobre a transferência, entretanto, não parou nesse ponto. Desenhou-se, por meio dela, um percurso inédito nas enunciações do autor.

Foi o próprio Freud, por um curioso caminho, quem mostrou, por exemplo, a implicação do analista na cena clínica, mostrando-o, não “de caso pensado”, mas sim, “de bandeja”, à análise que fizemos de seu discurso.

O leitor deve lembrar da importância que atribuímos, no início deste texto, à consideração do discurso em

análise implicando o do analista. Acompanhamos, atentamente, na escritura de Freud, o lugar que atribuía a si e ao paciente no atendimento.

Isso nos permitiu configurar uma cena em que os personagens (Freud e seus clientes) obedecem a uma distribuição por gênero, no caso do paciente, quando trata de questões relativas à transferência (Guirado, 2000). Nos trabalhos exclusivamente teóricos, como o *A dinâmica da transferência* (1912/1976) e *Recordar, repetir e elaborar* (1914/1976) apresenta, livremente, um homem deitado no divã. No entanto, em *Observações sobre o amor transferencial*, são mulheres que estão em atendimento e são referidas como indóceis representantes da espécie humana, que não negociam suas demandas por satisfação, utilizando-se de artimanhas e armadilhas para atrair incautos médicos-analistas a atender seus desejos, invariavelmente eróticos; uma réplica de suas exigências reprimidas, dirigidas, em outro tempo e outro lugar, a figuras parentais.

Freud é, nessas ocasiões, expresso: a) de forma alguma poderá o psicanalista atender a esse pedido *selvagem* (sim, selvagem; porque é assim que o considera); b) deverá se conduzir no fio da navalha de sua natureza também humana e... resistir!; c) jamais ceder, recebendo como uma realidade, no entanto, o amor que *sua* paciente afirma sentir por *ele*!

A leitura simples dos parágrafos, nesta parte do texto, é relativamente atordoante; confundem-se argumentos e perguntas, como se o autor estivesse num debate “pinga-fogo”, com a ressalva de que ele ocupa os dois postos enunciativos: o de interpelador e o de interpelado. *E é por esse jogo de enunciação que se pode atribuir algum sentido à clareza apenas relativa de seus ditos. Tudo indica que é no plano do dizer que se constituem as equivocações.*

A primeira delas é da ordem de “não passar qual-quer recibo” de haver notado essa questão de gênero. A segunda é da ordem de chegar a afirmar, mas nem por isso levar até o fim a implicação do dito aos seus próprios “pontos cegos de gênero”; afirmar que o psicanalista tem que se haver com o fato de provocar o fogo das pulsões e dos desejos por teoria e técnica de ofício; e afirmar, por fim, que a ética é o limite (veja-se que trata disso ao falar das coisas no calor da transferência amorosa). A terceira é aquela da ordem do *controle das ações dos dois parceiros em cena*: até certo ponto é uma exigência também inegociável (como a do desejo/satisfação da pulsão) que provém da teoria da técnica bem como da ética que se impõe à conduta do profissional; e, no rebote, é por meio dela que se impõem as vias aceitáveis de conduta ao paciente.

Teríamos, nós, pela via da análise do discurso, que aponta para efeitos de reconhecimentos e desconhecimentos naturalizadores de verdades/saberes que perdem sua relatividade ao contexto, ao seu modo de produção, chegando a um paradoxo? Ao paradoxo entre a equivocidade, ao arpejo da consciência e produzida pelo ato mesmo de enunciar, e uma possível intencionalidade de dominar pulsões indomáveis?

Se essa última ordem do dizer aparenta *a intenção de disciplinar*, por que continuamos a considerá-la uma equivocidade? Porque a *voz de verdade da teoria a tece insidiosamente*, no exato ato de operar, na clínica, *instruindo o pensamento com o conceito de transferência*. Isto acontece, por hipótese do recorte metodológico de que partimos, em função de que o termo transferência organiza a teoria/metapsicologia, carregando nossa *vontade de saber psicanalítica*, como dissemos antes e como, particularmente, definiria Foucault em *A ordem do discurso* (1971/1996): as disciplinas do conhecimento são um dos procedimentos de controle da produção discursiva. É, efetivamente, um paradoxo. Mas, é com paradoxos, aparentes contradições, que operamos as análises dos discursos.

Equivocidade ou paradoxo, a rigor, o que constitui sentidos para os termos em seus campos de saber, nos remete ao elemento comum de a análise apontar que se tratam de tensões entre polos que se opõem, sem necessariamente se contradizer, mas que se implicam mutuamente num determinado discurso-ato-dispositivo (Guirado, 1995/2006, 2010). A tensão é o movimento do discurso como acontecimento. Fundamental reconstrução analítica da organização discursiva.

Essa é a razão do destaque que atribuímos a toda essa discussão (e que cremos ter podido demonstrar), tanto na história da psicanálise como conhecimento e instituição, quanto na escuta dos analistas em seu fazer cotidiano.

## Como se desenha a transferência na sombra do discurso?

Até aqui, pela AID, pudemos mostrar o lugar de uma espécie de “Cavalo de Tróia” que a transferência tem na cena clínica, na medida que porta na escuta do psicanalista, um sujeito-paciente talhado pelas características que a teoria atribui ao psiquismo, que assim se dirigiu a um personagem atual, investindo-o das figuras que habitam as tramas inconscientes mais primitivas e, portanto, determinantes.

A análise pragmática do discurso francesa, tal como nos é apresentada por Maingueneau (citado por Guirado, 2000), foi a fronteira da psicanálise que mais exploramos e que nos pareceu, em muitos pontos, suficiente. Sobretudo nas aproximações ora mais e ora menos expressas que essa disciplina nos permitiu das interfaces outras que fazemos com a sociologia das instituições concretas e as ideias de Foucault.

Correndo o risco de excesso de zelo para garantir o entendimento da sustentabilidade de nosso recorte, optamos, antes de prosseguir em direção aos apontamentos finais do presente texto, por fazer uma retomada dos pressupostos que tecem as análises que fazemos. Cremos que o autor e a disciplina do conhecimento em jogo o justificam.

Com a linguística pragmática de Maingueneau, nos permitimos pensar a fala e a palavra como *discurso* e este, como ato, ato de fala (Austin, 1990), como dispositivo institucional (Foucault, 1969/1997), como enunciação,

que por seu exercício concreto mostra a ação implicada no conteúdo daquilo que é dito. Desse modo – ainda inspirados em Foucault (2006) –, podemos pensar que o discurso produz sujeitos e subjetividades, num jogo sempre tenso de dizer, de autorizar-se a dizer, de posicionar e agir sobre a ação dos outros enquanto se diz. Se, ainda, considerarmos que os dispositivos enunciativos são o que permite atribuir sentido às falas, ingressaríamos na importância de três outros termos: gênero, contexto e cena (Maingueneau, 1989; Maingueneau & Charaudeau, 2004).

*Gênero discursivo* é um vetor de análise que considera o dispositivo social de emissão e recepção das falas. É condição de possibilidade para que a comunicação aconteça, com determinadas ações que possam, então, ser desencadeadas em função da expectativa em relação ao outro, acalmando nele as incertezas das direções da ação e ajudando a “fechar” um sentido para o que se faz/fala. O gênero discursivo é o que, em linhas gerais, responde pelo contexto. Ou melhor, é o quadro ou a moldura a partir de que se fala, que é constitutivo dessa fala, de seu conteúdo. Maingueneau afirma que os gêneros discursivos são apreensíveis apenas por metáforas: a do jogo, a teatral, a jurídica, a do ritual. Falamos, sempre por meio de regras, à moda de um jogo; investindo papéis, como numa cena teatral; legitimando o direito de dizer o que estamos dizendo, como por contratos sociais que abatem a violência da palavra e a justificam; e ritualizando, por repetição praticamente automática, cenas do cotidiano. As aulas, as entrevistas de pesquisa, as sessões de análise, as compras, os cumprimentos sociais, tudo isso são situações que compõem as cenas englobantes de gêneros de discursos diversos com seus regramentos, com suas divisões de papéis e com as expectativas de que o outro permaneça nos limites previstos para sua “boa fala”, para uma emissão e recepção tal como o quadro o antecipa.

As *cenas discursivas*, a rigor, são níveis de análise do gênero de discurso. Na medida em que este é uma idealidade, seu estudo será feito por meio de analisadores. Serão, então, a cena genérica e a cenografia (nome atual para cena discursiva) esses analisadores: as duas maneiras para poder, de volta, caracterizar um gênero de discurso.

A *cena genérica* configura-se no plano dos papéis formais, concretamente implicados pelos gêneros de discursos, por exemplo, os de vendedores e compradores no comércio, professores e alunos na escola, terapeuta e paciente na clínica.

A *cenografia* é o plano mais imediato da relação que caracteriza o Gênero do Discurso. É seu nível mais concreto e complexo, porque é o nível da relação face a face que reconstrói o GD. Quando um professor, em seu lugar genérico de professor o ocupa como amigo dos alunos, terá um discurso diferente de um intelectual ou de um cientista impessoal; ou, ainda, de uma “personalidade francamente autoritária”.

Nas palavras de Maingueneau:

Cada discurso, independentemente do gênero, procura definir uma certa imagem da relação. Por exemplo, o candidato que aparece na televisão no meio do campo, com vacas, com bonés etc. O que vemos nessa propaganda não é somente um candidato, o homem político; o que vemos também é um homem do campo. Está-se procurando instituir uma relação entre homem político e homem do campo. O ouvinte, o público, está constituído como homem do campo, também. E o lugar é o campo; e o tempo é um dia de verão, de outono, no interior de São Paulo. Essa cenografia, essa construção por intermédio do discurso, é fundamental, porque cada vez que entramos num gênero de discurso, na realidade, estamos, também, construindo a relação na qual estamos implicados (citado por Guirado, 2000, p. 98).

Por fim o *contexto* que é esse jogo todo de construção de discursos e sentidos, assentado nas negociações que a relação concreta assim o exigir.

### **Da psicanálise intimista à analítica da subjetividade pela cena discursiva**

Estamos, agora, diante de instrumentos afinados com uma determinada concepção de análise do discurso, para adentrarmos, outra vez, a trilha traçada para a clínica. Deparamo-nos, então, com novas arestas a aparar. Vamos a elas.

Ora, esse modo de considerar o que se diz numa sessão terapêutica (cenografia, cena genérica) parece ir (e, efetivamente, vai) na contramão do discurso intimista da psicanálise. Como fazer, então, as prometidas aproximações de fronteiras?

Nosso caminho, como afirmamos no início deste texto, é o de proceder pelo recorte conceitual-metodológico. E tratar a clínica como instituição foi o passo para colocar a transferência como o termo que abre a possibilidade de uma *clínica como analítica da subjetividade, em que, disciplinadamente, a escuta do analista confronta, na ordem de seu discurso, sua vontade de saber*.

É assim que, na sombra do discurso, o contexto concreto, o gênero discursivo das psicanálises coloca, pela cena genérica, um analista diante de um paciente, com falas e condutas por contrato. No mesmo ato, o plano da cenografia vai permitir pensar *como* um determinado analista e seu paciente exercem seus lugares com expectativas cruzadas, intenções e pressupostos queixas e desconfortos, sentimentos e (des)entendimentos e assim por diante. É aqui que o contexto e o dispositivo psicanalítico, na compreensão que passamos a ter com a AID, contam como o engenho instituinte dos sentidos que marcarão uma determinada análise. E isto, tanto do lado do analista quanto do paciente.

Não vamos nos repetir quanto às implicações desta compreensão da clínica como instituição e o contexto

concreto da sessão como cenografia, como cena discursiva. Como dissemos, é por ela que podemos supor que o analista e seu discurso fazem parte do discurso em análise, uma vez que, ao se posicionar diante de seu paciente, antecipa, pela teoria que professa, sentidos à sua fala. O mesmo acontece com o paciente que, para além dos problemas para os quais busca solução, investe seu parceiro de saberes e poderes antecipados, em função do que circula sobre o que (e para que) são as terapias e as análises, bem como em função do que veio a saber sobre a pessoa que o atenderia. Colocar-se num ou noutro lugar, já é colocar-se num lugar cheio de palavras e expectativas.

Pela noção de GD e de cenografia, em princípio, o analista, por portar esse (in)suspeito discurso, também transfere; e o paciente não deve estar ali apenas numa reedição de vínculos com as figuras primitivas. E, no que diz respeito a este último aspecto, é prudente fazermos uma extensão de explicações.

### **Um bloco mágico na contramão da transferência**

Dissemos em outro lugar (Guirado, 2010) que os escritos de Freud são um discurso aberto, porque apresentam um índice de indeterminação, um movimento casual que, à revelia de suas tentativas de ordenamento, faz dele uma ocasião de pesquisa profícua, que avança sem necessariamente desbancá-lo, condená-lo, denegá-lo. Resiste a um ataque moral de grupos e ranços contemporâneos e novo-midiáticos. Resiste à tentação fácil de ser classificado como um clássico desatualizado que nada mais tem a dizer. Resiste, enfim, às tentativas de engessamento teórico, ideológico e/ou clínico. E, por atenções sucessivas, pode-se reinventar, ao sabor de suas próprias flexões.

O título deste item pretende mostrar essa última possibilidade.

Num texto bastante exíguo, *Uma nota sobre o “bloco mágico”* (1925/1976), Freud apresenta um modo de explicar-compreender o funcionamento da memória inconsciente. Traça um paralelo com um dispositivo disponível no mercado, naquela época, que se chamava Bloco Mágico:

Este dispositivo, conforme o descreve Freud, é uma espécie de caixa constituída de três superfícies diferentes: a primeira, abaixo das demais, é uma placa densa e alta de cera; a segunda é um papel de seda, anexado por uma das laterais ao bloco de cera; e a terceira é uma película de celuloide, que, como o papel de seda, encontra-se anexado à lateral do bloco. Com um objeto pontiagudo, grafa-se sobre o celuloide qualquer traço; esta primeira superfície protege o papel de seda, como o faz nosso limiar de percepção em relação ao nosso aparelho perceptivo-consciente; e o faz, sem que nela (película de celuloide) fique registrado qualquer traço; o que se grafa permanece decalcado no papel de seda, pela

pressão feita sobre a cera. Para que esse traço desapareça, basta, com um gesto, suspender o papel de seda: as duas folhas ficam livres para receber qualquer outra impressão; e, na superfície de cera, se pode, ainda, conforme a incidência da luz, reconhecer o traço que foi feito. As novas grafias deverão constituir um desenho em rede, em que os pontos de superposição (nós da rede) produzem alteração “de relevo nos sentidos”, isto é, onde há superposição, alteram-se as primeiras marcas, assim como as seguintes. (Guirado, 2010, p. 127)

O registro em rede, os pontos de superposição, suas posições irredutíveis uns aos outros, bem como as densidades e a força de atração a novas percepções fazem da superfície da cera um desenho que pode ser “lido”, apreendido em perspectiva, conforme a incidência da luz.

Despregados da metapsicologia que somos, nós que trabalhamos com a AID, tomamos essa metáfora freudiana para falar do inconsciente. Tal decisão foi conceitual e estratégica que permitiu que nos lançássemos a paralelos outros para falar do trabalho clínico.

Reproduzimos aqui algumas das aproximações que fizemos em *A análise institucional do discurso como analítica da subjetividade* (Guirado, 2010): “Assim, a vida é a história desses decalques em tramas, cenas e enredos cada vez mais complexos, onde a cada nova experiência temos a retroação das anteriores, bem como a modificação delas. A vida é um bloco mágico (p. 127)”

Se pudemos avançar tanto com as palavras do próprio Freud, sem ferir o rigor de trabalhar nas fronteiras, porque não descaracterizamos, sequer reduzimos um discurso ao outro, é que, nas aberturas de seu pensar, foi possível prosseguir pensando.

*Isso foi possível, sobretudo, porque nosso autor desvela, do interior, o ponto em que, no plano das suposições teóricas, o registro da memória inconsciente coloca-se na contramão da transferência. Pelo menos, até onde a análise de seu discurso mostrou.*

O leitor, porém, pode ainda esperar por novas explicações para que se esclareça a importância e o ponto de virada estratégica dessas afirmações analíticas. Agora, no que diz respeito à extensão da noção do registro em rede do bloco mágico inconsciente, para tratar da questão da transferência. E como o criador da psicanálise nas incertezas de seus escritos, avança e permite avanços.

Como sabemos, para Freud, reeditam-se padrões estereotípicos, modos de amar desenvolvidos na infância com as figuras parentais, assim que situações atuais se mostrarem adequadas, então, relações que se mostraram frustrantes no passado repetem-se no presente, num reenvio constante de personagens, sempre à busca de satisfação.

E, aqui, ativamos a memória do leitor: que se retome um “ponto afixado” (!!!) no Item 4. Lá assinalamos que Freud “até” havia estendido a ocorrência de transferências para além dos consultórios; não tinha ele, no entanto,

a tomada conceitual da clínica como instituição. Pois bem. Agora se explicita a torção de peso, o diferencial, a radicalidade de pensar com recortes conceituais-metodológicos diversos. Sobretudo, se explicita a validade epistemológica de analisar a partir de uma posição que se constitua por confrontos, e que não parta de objetos já constituídos no interior de uma teoria, sequer pelos seus métodos de produção de conhecimento. Mais especificamente, encaminhamo-nos para a demonstração das justificativas de pensar a clínica e a transferência pela análise institucional do discurso.

O que se segue é denso. Mas creio que não há meio de dizer de outra forma. Pelo menos, não agora, neste compasso do andar da carruagem..

Para a analítica da subjetividade (AID), as reedições de relações previstas para a transferência acontecem, supondo todos os “ses” assinalados na análise do conceito que apresentamos no Item 4. Por derivação do conceito de instituição com que operamos a interface da psicanálise com a Sociologia, isto aconteceria a cada relação concreta característica das instituições que fazemos vida a fora, desde o berço, com direito às relações significativas com as figuras primitivas da instituição familiar, seguindo-se as da escola, grupos de amigos, agremiações, trabalho e outras. No entanto, a tentativa de ocupar o lugar que nos vimos ocupando em relações anteriores, com as expectativas que desenvolvemos e aquelas que tiveram em relação a nós, raramente, é aceita, reconhecida, legitimada. Afinal, diferentes instituições se organizam em torno de relações de clientela que configuram diferentes objetos (institucionais), cujo monopólio de legitimidade reivindicam, num intercontexto em que os âmbitos de ação disputam limites a cada ato, a cada avanço discursivo. Ora, no movimento de busca de reedição de um lugar vivido por uma criança ou por um adolescente nas relações básicas de uma instituição

como a família, por exemplo, num outro âmbito institucional, como o escolar ou de amigos, há um inevitável desengate. Os efeitos de suas ações não se repetem quando diante de outros atores/interlocutores. Anuncia-se, então, uma distância entre o que se espera e o que acontece, porque as instituições e seus lugares são diferentes, os gêneros discursivos e seus papéis, igualmente.

Tal desemparelhamento força reacomodações e mudanças de posições e expectativas; ou, exacerba exigências deslocadas e extemporâneas, em alguns casos. Tudo isso, para dizer que a cada relação que se faz no exercício de lugares institucionais, o jogo implica reedição/resistência/reposicionamento (porque o outro resiste e nos força a mudar relativamente a posição). De tal forma que não se trata mais de pensar por saltos, que respeitem analogias de imagens internas, do passado para o presente, e sim de *pensar com a diferença, a resistência e a regularidade como constitutivas da transferência*.

Aí está, ao nosso ver, o efeito de pensar com uma estratégia, um método, que se retire dos cânones estritos da psicanálise para que, ainda assim, nas tensões e paradoxos desse movimento, se possa pontualmente reapropriar o discurso do mestre, com o mesmo rigor que tivemos para pensá-lo e para expormos até aqui nosso pensamento.

Assim, encaminhamos um desfecho. . . *se o Bloco Mágico é a metáfora dos registros inconscientes à superfície e sua análise se faz na perspectiva inclinada da massa de cera, como uma metáfora da metáfora, vamos tratar a transferência pelas incontáveis reedições/resistências/transformações vida a fora. Vamos, ainda, considerar a análise como essa possibilidade de pensar o que acontece na cena clínica, por um discurso que tece sentidos, desde o analista até o cliente. A psicanálise terá, então, se reinventado como uma analítica da subjetividade, pela perspectiva de uma análise institucional do discurso.*

### **Clinic and transfer in the shadow of discourse: An analytic of subjectivity**

**Abstract:** This paper aims to demonstrate theoretical and ethics reasons for the central importance of the concept of transference in psychoanalytic clinic. Theoretical: if the transference is, in Freud's words and in the words of psychoanalysts on recent researches, the condition of analysis, the supposition is that the patient could be conceived by the analyst as the one who has an unconscious functioning, resistances, and elaboration, conflicts and repressions and so on, depending on the psychoanalysis that one does. Ethics: although the concept was developed based on clinical treatment of hysteric cases, it had been reinforced, at 1910 decade, in the context of texts with directions to professional behavior at their daily work. Such analysis was abled by the terms of a Pragmatic Discourse Analysis, by Maingueneau (discourse as speech act, scenography and discourse genre), as a part of a general method, the Institutional Analysis of Discourse.

**Keywords:** psychoanalytic clinic, transfer, discourse, discourse analysis.

### **Clinique et transfert dans l'ombre du discours: une analytique de la subjectivité**

**Résumé:** Cet article vise à démontrer la centralité de la notion de transfert à la clinique psychanalytique par des raisons théoriques et éthiques. Théorique: être le transfert, dans les mots de Freud et selon analystes en études récentes, sous la condition de l'analyse le patient est conçue par l'analyste comme celui qui a certain fonctionnement inconscient, ainsi comme et les

modes de résistance et de préparation, des conflits et des répressions etc , en fonction de la psychanalyse professé . Éthique: en dépit d'être formulé au début des études et des traitements cliniques avec des cas d'hystérie, le concept a gagné contours dans les années 1910 , motivé par le contexte de recommandations à la conduite des médecins dans leur travail . Cette analyse de la clinique psychanalytique dans l'instrumentation a été fourni par l'analyse pragmatique du discours, de Maingueneau (discours comme acte de parole, la scénographie et le genre de discours), dans le cadre d'une stratégie méthodologique général, l'Analyse du discours institutionnel .

**Mots-clés:** clinique psychanalytique, transfert, discours, analyse de discours.

### **Clínica y transferencia a la sombra del discurso: una analítica de la subjetividad**

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo mostrar la centralidad del concepto de transferencia a la clínica psicoanalítica, por razones teóricas y éticas. Teóricas: por ser la transferencia, en palabras de Freud, y de acuerdo con analistas en investigaciones recientes, la condición de análisis, el paciente es concebido por el analista como el que ha dado el funcionamiento inconsciente, los modos de elaboración y de resistencia, el conflicto y la represión, y así sucesivamente, dependiendo del psicoanálisis que se emplea. Éticas: a pesar de haber sido formulado al inicio de los estudios y los tratamientos clínicos con casos de histeria, el concepto ganó contornos en la década de 1910, en el contexto de los textos de recomendaciones a la conducta de los médicos en su trabajo. Este análisis de la clínica psicoanalítica ocurrió a cargo del Análisis pragmático del discurso, de Maingueneau (discurso como acto de habla, la escenografía y el discurso de género), como parte de una estrategia metodológica general, el Análisis institucional del discurso.

**Palabras-clave:** clínica psicoanalítica, transferencia, discurso, análisis de discurso.

### **Referências**

- Austin, J. (1990). *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Foucault, M. (1997). *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, RJ: Forense. (Publicado originalmente em 1969)
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo, SP: Loyola. (Publicado originalmente em 1971)
- Foucault, M. (2011). *A verdade e as formas jurídicas* (3a ed.). Rio de Janeiro, RJ: NAU editora. (Publicado originalmente em 1973)
- Foucault, M. (1977). *Nascimento da clínica*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Foucault, M. (1985). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (7a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Foucault, M. (2004). *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2006). *Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber* (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Freud, S. (1976). Fragmentos da análise de um caso de histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. VII). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Publicado originalmente em 1905)
- Freud, S. (1976). A dinâmica da transferência. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XII). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Publicado originalmente em 1912)
- Freud, S. (1976). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XII). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Publicado originalmente em 1912)
- Freud, S. (1976). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XII). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Publicado originalmente em 1914)
- Freud, S. (1976). Observações sobre o amor transferencial. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XIV). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Publicado originalmente em 1915)
- Freud, S. (1976). Uma nota sobre o “bloco mágico”. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. XIX). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Publicado originalmente em 1925)
- Guirado, M. (2006). *Psicanálise e análise do discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico*. São Paulo, SP: E.P.U. (Publicado originalmente em 1995)
- Guirado, M. (2000). *A clínica psicanalítica na sombra do discurso: diálogos com aulas de Dominique Maingueneau*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Guirado, M. (2010). *A análise institucional do discurso como analítica da subjetividade*. São Paulo, SP: Annablume.
- Guirado, L. (2013). *Uma análise institucional do discurso dos tratamentos do autismo: psicanálise e ABA*. (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Guirado, M., & Lerner, R. (2007). *Psicologia, pesquisa e clínica: por uma análise institucional do discurso*. São Paulo, SP: Annablume

- Lima, M. (2007). *O paciente e o término da análise no discurso de psicanalistas: uma análise institucional de discurso*. (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Maingueneau, D. (1989). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes.
- Maingueneau, D., & Charaudeau, P. (2004). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo, SP: Contexto.
- Ungaretti, S. (2013). *Fernando: uma analítica da subjetividade desenhada nos discursos de si e de outros num contexto de abrigo*. (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Veiga, L. (2006). *Interpretação e transferência como instituintes da clínica psicanalítica*. (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Viaro, R. (2011). *Modos de subjetivação na formação em psicanálise: uma análise institucional de discurso*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Recebido: 24/03/2014

Aceito: 09/05/2014